ANO 9.º LISBOA — SEXTA-FEIRA, 20 DE DEZEMBRO DE 1929 N.º 2669

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 60 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.
Endereço Telegrafico: DIZOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 152 / Redacção: T. 153 e 154
Endereço telegrafico: DIZOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VAI ser modificado, por acôrdo e no sentido de reduzir os encargos para o Estado, o projecto de electrificação, já aprovado, da linha de Cacilhas a Setubal e Sezimbra, apresentado pela Companhia do Caminho de Ferro Tejo-Oceano-Sado.

Esta linha disporá de 8 automotoras para passageiros, 2 para carga, 4 carruagens mistas de 2.ª e 3.ª classes, 4 carruagens de 3.ª, 62 vagons de mercadoria e 1 de revisão. O limite provisorio do orçamento de construção e aquisição de material é de 51.166 contos.

De começo está estabelecido que serão utilizadas automotoras do tipo Diesel, e só futuramente, e quando o trafego o justifique, se recorrerá á electricidade, sendo, porém, a linha construida já para esta hipotese. A Companhia tem de suprimir as passagens de nivel.

E veremos....

* * *

E' AMANHÃ que, no Coliseu dos Recreios, se realiza, em "matinée", a festa anual dos pupilos da Assistencia.

O director geral, nosso amigo sr. Machado Pinto, e o restante pessoal têm sido incansaveis na organização do respectivo programa, que encerra alguns numeros verdadeiramente sensacionais.

As crianças exibir-se-hão em danças, jogos, musica e gimnastica, fazendo a demonstração das suas aptidões e da importancia do ensino que lhes é ministrado.

Por tudo isto a festa da Assistencia deve resultar brilhantissima, honrando os seus organizadores e quantos na sua realização colaborarem.

* * *

A COMISSÃO de senhoras que tem trabalhado a favor da ampliação do Sanatorio Popular de Lisboa promove, no dia 29 do corrente, uma festa de caridade no vasto salão do Stand dos Automoveis Chevrolet, que foi amavelmente cedido, para o fim já exposto, pelos seus proprietarios e directores. A festa, em via de preparação, compôr-se-ha duma Arvore de Natal e dum chá dansante, prestidigitação e de outros atractivos, merecedores do maior apoio do publico, que costuma interessar-se por festas desta ordem, cujo fim altruista e humanitario julgamos inutil encarecer.

* * *

ESCREVE-NOS um nosso amigo pedindo providencias contra a falta de luz que se nota na Avenida Almirante Reis, arteria importante que serve outros populosos bairros, e no qual a iluminação é precaria, já se tendo registado desastres por isso.

* * *

AMERICO Durão dedicou, no excelente vespertino madrileno *La Voz*, um artigo muito interessante á obra de Mestre Columbano, através dos modelos que pousaram para o insigne pintor.

* * *

O NOVO comandante das fôrças navais do Tejo, sr. capitão de mar e guerra Carlos Braga, tem sido muito cumprimentado pelos comandantes dos navios de guerra.

A NOSSA LINGUA

O sr. dr. Agostinho de Campos publica, no *Diario de Noticias*, de hoje, um artigo que deve ser o primeiro duma série em que se propõe debater este novissimo problema — *O português em Espanha*. Iremos seguindo o seu andamente, com curiosidade e simpatia, para na ocasião mais oportuna emitirmos opinião, embora modesta, sôbre um assunto em que os desvios e os caprichos carecem de aviso salutar para que ninguem suponha que Portugal é país flutuante.

Entendemos mesmo que a questão necessita ser tratada com a maior largueza, dentro do espirito e da técnica da nossa educação, contrariando-se eficazmente a gélida indiferença dos que se desnacionalizam, com muita presteza e gôsto, apenas passam a fronteira. Claro que não metemos nesta conta o sr. dr. Agostinho de Campos que pertence á fina flôr dos educadores e que, na sua conferencia de Sevilha, sómente cometeu o erro psicologico de querer tornar claro em espanhol o que dito em português seria clarissimo.

Quem se não ilude, neste mundo de enganos?

Desejamos, pois, que ele, com a autoridade do seu nome e com a sonoridade do jornal em que escreve, não se cinja acanhadamente ás vantagens ou desvantagens de falar português em Espanha, mas ataque de frente a corrente derrotista dos que aceitam, sem protesto, a colonisação de Portugal, por influencias estrangeiras.

Quem se subordina e escravisa á mentalidade das outras nações, sem cuidar de definir o seu caracter e a sua posição, criticando, discutindo e reflectindo de modo a marcar a sua independencia mental, condena-se *ipso facto* á reclusão dos morcêgos, velhos frequentadores da treva e dos buracos. E esta obra de consciencia e de desagravo, de orgulho e de patriotismo ha-de começar pelo prestigio da nossa lingua que os portugueses sem reservas são obrigados, pelo culto da dignidade nacional e pessoal, a fazer chegar a toda a parte onde o nome da nossa Patria tem que soar com o seu fulgor nativo e com o inegavel sabor de epopeia.

Depois da lingua, purifique-se o espirito, formando-se a mocidade no respeito e na admiração do lusitanismo. Seja a Europa para nós uma util lição, sem que ninguem fique cegamente sujeito ao jugo de aprender e ensinar, segundo a pauta alheia.

Se os nossos clássicos souberam livremente, quasi alegremente, haurir a alma da antiguidade, renovando-a, variando-a e inflamando-a, ao calor do nosso sol, porque não havemos nós de seguir-lhe o exemplo, recolhendo a civilização moderna, depois de a baptisarmos nas múrmuras aguas do Tejo e do Mondêgo?

O sr. dr. Agostinho de Campos conta isto:

— «Uma tradição em que não devemos acreditar muito diz que o imperador Carlos V se gabava de falar em italiano com as suas queridas, em francês com os seus amigos, em alemão com os seus cães e em espanhol com o seus Deus».

Tudo o que o imperador fazia com quatro linguas nós podemos fazê-lo com uma só. Para tanto basta não cairmos na feira internacional nem no *dancing* do snobismo onde cada qual toma a cara que menos se pareça com a dos seus pais e avós. Carlos V tinha, no entanto, uma desculpa — pretendia conquistar o mundo e usava varias linguas para mentir em todas elas.

Os portugueses, que o são de verdade, desde que aprendam a amar a terra do seu berço, da sua crença e do seu amor, nunca mais se atrevem a ser-lhe infieis. Confiamos nos mestres e nas escolas — e tambem no magisterio dos lares — que saberão limpar de impurezas estrangeiras os corações infantis e juvenis, plantando neles o verbo ardente, lirico, religioso e eloquente que, em oito seculos de historia, se animou com o sopro duma vida que sempre golpeou e venceu, sorriu e amou.

Tambem o sr. dr. Agostinho de Campos narra a seguinte anecdota:

«Carlos V preguntou ao conde de Sortelha, embaixador de Portugal:

— Diga-me, conde: quando em Portugal se levanta na caça uma lebre, onde é que a vão apanhar?...

Ao que o fidalgo português respondeu imediatamente:

— A' India, que fica a mais de cinco mil leguas!»

O sr. dr. Agostinho de Campos não sabe de que lingua se serviu o conde de Sortelha.

In dubtis melior est conditio possidentis.

Serviu-se do português o conde de Sortelha, nem outra cousa seria de admitir, visto dirigir-se a um homem que se julgava poliglota e cujo sangue girava nas velas dos nossos reis. Mas o conde, se quizesse, — e não lhe escasseava engenho para tanto — ainda podia responder a Carlos V:

— As lebres em Portugal são tão espertas que nunca lhes apetece passar a fronteira onde sabem que os nossos caçadores não erram a pontaria.

JOAQUIM MANSO

Um avião inglês, de grande classe, tripulado por dois dos mais distintos oficiais da quinta arma inglesa, saira de Cronwel, condado de Lincorn, para a cidade do Cabo, a fim de batere o record de distancia em vôo directo, cousa parecida com 9.850 quilometros. Começaram ante-ontem faltando noticias, o que se atribuia á pequena potencia do posto de T. S. F., a bordo.

Afinal, Jenkins e Williams foram encontrados mortos, junto do seu aparelho desfeito, numa montanha ao sul de Tunis, em territorio francês.

O sonho de voar, cada vez mais longe, continua a fornecer corôas de gloria e cruzes de sacrificio. Mas o sonho continua, e continuará, enquanto os homens tiverem necessidade de fechar os olhos para anteverem o futuro.

* * *

EM Praga, uma actriz celebre chamou aos tribunais o escultor que lhe fizera a sua estatua inteiramente núa e a expuzera ao publico. Alega que só deu o consentimento para ser esculpido o seu busto, sem alongamentos plasticos inconfidentes e irreverentes. O artista afirma o contrario.

Como o mal está feito, mas o damno é reparavel, parece-nos que seria uma obra de misericordia levar a actriz em questão a abrandar a sua colera, tanto mais que o teatro onde trabalha se enche de curiosos que a aplaudem freneticamente. Ha dias, perante uma formidavel ovação, houve quem inquirisse:

—Que admiram os espectadores nesta actriz tão gentil como talentosa?

* * *

DESDE fins de 1910 que o Estado entrou na posse de propriedades que eram da Casa de Bragança e onde está instalada a Coudelaria Nacional de Alter do Chão.

Depois do estudo da questão, verificou-se que tem de se fazer, pelo ministerio da Guerra, contrato de arrendamento, e assim, o Govêrno mandou abrir pelo respectivo ministerio, um credito de 661.627$05 para pagamento dos arrendamentos em divida, correspondentes á ocupação dos terrenos desde 5 de Outubro de 1910 a 31 de Dezembro de 1928.

* * *

PUBLICAMOS na pagina central um sentido artigo de homenagem ao marechal Gomes da Costa, assinado por um prestigioso militar que serviu em França sob as suas ordens: o coronel Ferreira do Amaral.

* * *

FOI nomeado chefe da 2.ª Repartição da Direcção Geral das Alfandegas o sr. Marciano Acabado, funcionario distinto, que já vinha exercendo o lugar de sub-chefe dessa repartição.

* * *

O LIMITE de idade de cinquenta e tres anos, fixado para os oficiais subalternos, passa a ser de cinquenta e seis anos.

* * *

NADA está ainda definitivamente resolvido sôbre o conflito suscitado pelo aumento do preço da luz, continuando as diligencias para o resolver.

Radiotonia

Programas escolhidos

PARA ESTA NOITE recomendamos aos amadores as seguintes emissões estrangeiras, ordenadas por ordem crescente de comprimentos de onda:

Radio-Catalana (268 m.), das 19,00 ás 20,03. Variado concerto fonográfico, incluindo musica de Guerrero («Los verderones»), Ponchielli («La Gioconda»), Strawinsky («Petruchka»), Mozart («Sinfonia em sol menor») e Leoncavallo («Os Palhaços»).

Turim (272,2 m.), ás 19,30. concerto sinfonico.

Cardiff (323,2 m.), ás 20,00. Concerto de obras de compositores ingleses.

Napoles (333 m.), ás 20,05. A ópera «La Gioconda», de Ponchielli.

Praga (343,2 m.), ás 21,30. Concerto de musica contemporanea: «Trio para instrumentos de sôpro», de Helkich; «Quinteto para instrumentos de sôpro e piano», de Poulenc.

Londres (356,3 m.), Daventry (1.554,4 m.) ou Chelmsford (27,3 m.), ás 21,35. Concerto sinfonico de musica russa: «A Fada do Natal» (Rimsky-Korsakoff); «A Feira de Sorochintsi» (Mussorgsky); a «Nona Sinfonia» de Miaskowsky; «Canções populares russas»; «ouverture» e selecção da ópera «Romeu e Julieta», de Tchaikowsky. A's 23,00, programa-surpresa.

Stuttgart (360 m.), ás 19,05. Musica de camara: um «Quinteto» de Sbock; «Andante e Rondó á maneira hungara», de Weber; e um «Sexteto», de Fuehler.

Toulouse (380 m.), ás 20,15. Concerto incluindo musicas de Paparero, Trelles, Ruker e Freire («Ay, ay, ay!»); Canções de Collet, Piccolini, Gabaroche, Rodert, Clero e Kirclé. A's 21,00, concerto com obras de Lalo («Rapsodia norueguesa»), Schumann («Rêverie»), Wagner («A Valquiria») e Silva («Good News»).

San Sebastian (403 m.), das 22,00 ás 24,00. Selecção da ópera de Richard Wagner, «O Crepusculo dos Deuses»; com solistas, coros e grande orquestra.

Radio (419 m.), ás 20,30. «Ouverture» de «Fidélio» (Beethoven, seguindo-se outros trechos, de Brahms («Dança hungara N.º 4»), Rubinstein («Melodia célebre em fá»); Debussy («Childrens corner» e «Il pleut doucement sur la ville»), etc.

Roma (441,1 m. ás 20,00. A ópera de Suppé, «Dona Juanita».

Langenberg (473 m.), ás 19,00. Concerto de solistas, coros orquestra e orgão, retransmitido de Muenster.

Milão (500,8 m.), ás 19,35. Concerto sinfonico, «Suite» de «L'Arlesienne» (Bizet), concerto em mi menor (Mendelssohn); «Nocturno» (Martucci); «Ouverture» de «Rienzi» (Wagner).

Munich (533 m.), ás 20,30. «Ouverture» de «Coriolano», de Beethoven, e a «Sinfonia Incompleta», de Schubert.

Radio-Paris (1.744.), ás 20,45. «Le Roi d'Ys», de E. Lalo.

BOLSA DE LISBOA

20 de Dezembro
CONTADO

VALORES	Efectuado	Comprad.	Vendedor
P. Int. 6 ½ 0/0 1923 O..	896$00	—	897$00
P. Ext. 3 0/0 1.ª série...	941$00	940$00	94.$00
P. Ext. 3 0/0 2.ª série...	—	927$00	935$00
P. Ext. 3 0/0 3.ª série....	—	1.010$00	1.020$00
Banco Com. de Lisboa.	515$00	515$00	520$00
Banco Lisboa & Açôres	510$00	505$00	512$00
Banco de Portugal.....	—	—	1.035$00
C.ª C. F. de Benguela	1.600$00	1.590$00	—
C. C. F. N. L. 3 0/0 2.ºg.	67$50	67$00	67$50
C.ª das Aguas de Lisboa	—	—	400$00
C.ª Gaz e Eletric., cou.	279$00	278$00	280$00
Soc. Industrial Aliança	177$50	177$00	178$00
C.ª Portugal e Colonias	110$00	110$00	110$50
C.ª Nac. de Navegação	266$50	265$00	268$00
C.ª Tabacos de Portug.	—	557$00	—
C.ª Portug. de Tabacos	316$00	316$00	—
The Match Tobacco T. S. C.ª.....	88$00	88$00	89$00
» Amboim.....	128$00	128$00	128$50
C.ª Col. Buzi 1.ª emissão	72$00	71$20	72$00
C.ª Col. Buzi 2.ª emissão	68$00	67$00	69$00
C.ª de Seguros Sagres...	—	1.150$00	1.300$00
A Tabaqueira.....	530$00	528$00	530$00

A MUSICA

Um concerto de canto

O claro e simpatico salão de festas da Academia dos Amadores de Musica foi teatro de mais um concêrto, em que os actores eram desta vez os artistas-cantores Manuela Laborde Santos e Salvador Costa Junior, de quem não esquecemos a colaboração que prestaram na ultima opera rustica de Ruy Coelho, «Entre Giestas», realizada no Coliseu ha poucos meses.

No programa que nos ocupa agora vimos com prazer muitos autores portugueses — inclusivé o de Salvador Costa Junior, a ensaiar as suas forças, sem pretensão ainda.

Como cantora, não encontramos modificação de maior em Manuela Laborde Santos. Soprano lirico, mas com volume suficiente para o palco, tem no registo grave e no agudo notas muito bonitas que bem lhe podem servir de modêlo para toda a escala da sua voz.

Salvador Costa Junior, tenor de muito agradavel timbre, deve encontrar num trabalho vocal bem orientado justa e farta recompensa. Interpretativamente, tem de conseguir mais vida, servindo-se dos contrastes e não descuidando nunca a intenção.

Merece reparo a maneira como os dois jovens artistas-cantores se houveram no unico dueto do programa — a bela pagina do «Guarany», de A. Gomes — dando um conjunto disciplinado e atento. Em suma, muitas qualidades e um exemplar desejo de acertar que ha-de obter o seu justo premio.

FRANCINE BENOIT

Cossacos do Don

O celebre Côro dos Cossacos do Don que hoje se estrearam nos concertos do Tivoli, é, na realidade, o mais notavel corpo coral que nos tem visitado e justifica a grande fama de que vinha precedido e que em toda a Europa e America do Norte têm conquistado. Com uma sala completamente cheia, os aplausos foram calorosos e foram bisadas varias canções. Na verdade, o conjunto das vozes é uma maravilha e a sua qualidade e método de canto um verdadeiro assombro. O Côro despede-se amanhã, em concêrto de assinatura extraordinaria com um programa diferente e completamente novo, com musica popular russa e canções de Archangelsky, Korniloff, Rimsky-Korsakoff, Chansky, Trailine, Sakovitch, Tcherepnine, Rubinstein e outros autores.

O sexto concerto Fão

Artur Fão, Ropartz, Respighi, Sibelius, Ravel, Mossorgsky e Ipolitof-Iwanof, são os autores escolhidos pelo maestro Fernandes Fão para o 6.º concêrto da magnifica Orquestra Sinfonica Portuguesa, no proximo domingo, no Gimnasio. Neste programa figuram duas primeiras audições: «La chasse du Prince Artur», de Ropartz, executada pela primeira vez em Portugal e «Kovanteina», de Mossorgsky, em primeira audição dos concertos Fão. As famosas «Fontes de Roma», de grandiosos efeitos descritivos e para os quais a orquestra será aumentada, conforme as exigencias da partitura, é a magnifica obra de Respighy, que o maestro Fão tornou conhecida entre nós e que obteve absoluto agrado do publico. Completam o programa o «Esboço sinfonico», do maestro Artur Fão; a «Valsa Triste», de Sibelius; «Daphu e Clovel», do modernista Ravel, e os «Esquisses Caucasiennes», de Ipolito-Iwanof, autores consagrados pelo publico das grandes orquestras estrangeiras.

CONVITE

BASTOS SILVA, L.DA, R. S. NICOLAU, 81, CONVIDAM V. EX.A A VISITAR O SEU ESTABELECIMENTO, ONDE ENCONTRA A MELHOR COLLECÇÃO DE MALAS E CARTEIRAS PARA BRINDES DE NATAL.

TEATRO NACIONAL ALMEIDA GARRETT

Empresa Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro

2.ª feira, 23 de Dezembro — Inauguração da epoca — A's 9 e 30

PERALTAS E SECIAS

3 actos de Marcelino Mesquita

Amanhã abre a bilheteira

RESTAURANT "PACO"

da R. das Gaveas, 55 e 57

sob a gerencia de Antonio Seara Ferreira, filho de Antonio Seara «Paco», ha pouco falecido.

Especialidade em gingínha velha e em cabidela

Aberto toda a noite

Retratos a côres

Os retratos coloridos estão em moda. Na Photographia Brasil executam-se maravilhosos retratos de senhoras e creanças a Aguarela ou Oleo.

R. da Escola Politecnica, 141

ROYAL CINE

RUA DA GRAÇA, 100

Telefone N. 6791

INAUGURAÇÃO NA PROXIMA SEMANA

O MAIS COMODO --- O MAIS LUXUOSO --- O MAIS RICO

Estreias ás Quintas-Feiras — «Soirées» da Moda ás Terças e Sextas — «Matinées» Elegantes, por convites, ás Quintas

Explendida musica pela Orquestra Royal, dirigida pelo ilustre professor BENETÓ

Exibição dos melhores filmes

O CADAVER VIVO

um dos formidaveis filmes russos, extraidos do celebre romance de **Leon Tolstoi** e desempenhado pelo celebre **Pudowkin**, o realisador de **Tempestade na Asia**, é o primeiro filme que se estreia no ROYAL-CINE

Marcam-se bilhetes para a primeira noite

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as

D. Elisa Reynolds de Sousa Teles da Sylva, D. Maria Carlota da Cunha Meneses da Camara, D. Luisa Deslandes Blanch, D. Margarida da Cunha Pignatelli Teles de Vasconcelos, D. Maria Antonia Correia de Sampaio de Castelo Branco, D. Maria Joana de Sande Berquó de Faria e Meneses, D. Maria Leite de Castro, D. Maria Antonia Falcão Rodrigues, D. Henriqueta Ribeiro de Almeida Teixeira e as meninas Maria Helena de Jesus Portela, Maria Alice Lopes e Judite Cristina Tasso Rolim.

E os srs.

José Emilio de Castelo Branco Valente, Sergio Tavares e o menino José Pimentel Rolim Dias.

A Caridade

No Instituto Pasteur

Encerra-se ámanhã á noite a «venda e chá» de caridade, que um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade está levando a efeito no Instituto Pasteur, á Rua Nova do Almada, a favor do cofre da Associação das Escolas para Crianças Pobres, iniciativa da sr.a Condessa de Sabugosa e de Murça.

Estamos certos de que o ultimo dia vai ser elegantemente concorrido.

No Central Cinema

A' tarde de ontem nêste cinema, onde se realisou uma «matinée» de caridade organisada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, foi, como esperavamos, concoridissima, recordando-nos ter visto, á saída, as senhoras:

D. Lusia Patricio de Fratel, D. Virginia de Abreu Caroça, D. Maria Leopoldina Correia Pereira de Sousa e Faro e filhas, D. Palmira Cardoso de Castilho e filha, D. Ernestina Soares de Albergaria Olavo, D. Vera Betencourt Olavo, D. Fernanda Caroça Lopo de Carvalho, D. Maria Adelaide Castro Pereira Balsemão, D. Maria da Guia Ferreira Patricio e filha, D. Maria Margarida Franco dos Santos, D. Maria das Dores de Magalhães de Barros, D. Maria de Lourdes e D. Maria da Conceição de Magalhães de Barros Teixeira, mesdemoiselles Sousa e Silva, etc.

Doentes

Na Casa de Saude Militar da Estrela, foram operados com feliz exito pelo habil cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves, os srs. Eduardo Colaço da Gama Franco, Antonio Joaquim Henriques, Jacinto dos Santos Montalvão e a sr.a D.Urania Silveira e Lorena Pinto Barbosa.

NO COLISEU

O praser da variedade

Para passar umas horas verdadeiramente bem disposto e divertido não ha como o Coliseu. O praser da variedade, as mais diversas e vibrantes impressões, quer sob o ponto de vista da emoção, quer pelo aspecto da sugestão artistica ou comica, tudo contem o programa da Grande Companhia de Circo, cujo elenco é composto de notabilidades de todos os generos, da maior cotação nos principais circos do estrangeiro. Por isso, e pelos preços dos logares, que são extremamente convidativos, o publico aflue todas as noites em grande numero ao Coliseu. Esses preços são os seguintes: Camarotes, desde 47$50; fauteuils, desde 9$50; geral, 4$50.

No domingo ha "matinée", tendo entrada gratuita as crianças que vão acompanhadas.

PRATAS ARTISTICAS

Reis, Filhos — do Porto

Representante, venda e deposito:

Ourivesaria ELOY DE JESUS

43 — R. GARRETT — 45

Grande Hotel d'Italia

Mont'Estoril

Domingo

Chá Dançante

ESTORIL

Hotel do Parque

Julio das Farturas

PARQUE MAYER

HOJE E AMANHA

GIM O VENCEDOR

6 partes

Sensacional comedia-drama

2 partes comicas

Marechal Foch

1 parte

Todas as noites concerto por uma grafonola electrica.

Entrada livre neste pavilhão.

O CLARO-ESCURO ANIMADO

A semana cinematografica

"A Vendedeira de Fosforos"

Não, minhas senhoras e meus senhores, Jean Renoir não é o nome dum maluco. Assim se chama, desde o berço, um cineasta francês, jovem e ousado, que teve o talento de saber extrair dum conto de Andersen um filme excepcional, que despertou junto dos cinéfilos conscientes um vivo movimento de interesse — e junto de parte do publico uma tão violenta como despropositada reacção: *A vendedeira de fosforos*.

Evidentemente, não se pode exigir da cultura nem da mentalidade de certos espectadores a aceitação imediata duma obra como *La petite marchande d'alumettes*. Mas não seria demais que esses espectadores soubesseem respeitar o que não compreendem, mas que é diferente dos espectaculos habituais, correntes, que eles aceitam — embora tambem nem sempre os compreendam...

Jean Renoir tratou o delicado conto de Andersen com uma inteligencia que nunca é demais salientar. As deficiencias do seu filme — algumas scenas do inicio, mal acabadas; um certo impudor técnico revelado no aproveitamento de planos *truqués* menos felizes — são largamente compensados pela *mise-en-scéné* e pela montagem do sonho de Karen, que preenche quasi todo o filme, e pela interpretação impecavel de nitidez e compreensão dos seus interpretes: Catherine Hessling, cujos artificios mimicos são quasi sempre *justos e sempre enternecedores*; Jean Storm, simpatico galã e garboso Oficial dos Soldados de Pau; Manuel Raaby, criador dum simbolo original da Morte e do Policia que amedronta a pobre pequenita; Amy Wells, — a Boneca Mecanica, — e Condessa Tolstoi, — a Senhora do Cão.

O dr. Paul Ramain considerá o sonho da *Vendedeira de Fosforos* uma das mais completas vitorias do chamado cinema onirico — cinematização dos sonhos, que ilustram obras como *O estranho caso do Professor Mathias*, de Favst, *O garôto de Charlot, A Quimera do Oiro, Charlot ao Sol*, etc.

O sonho descrito por Andersen e realizado por Jean Renoir decorre em meios bastante dificeis de transportar para o cinema, sem ridiculo: o Reino dos Bonitos, a imensidão das nuvens e um horto triste e solitario.

O bom gôsto do decorador Erik Aes, a competencia do operador Jean Bachelet, e a scentelha animadora de Jean Renoir, conseguiram realizá-los dentro dos reduzidos estudios do Vieux-Colombier, o teatro de famosas tradições dramaticas que já tem o seu lugar na historia do cinema, como sala especializada em filmes do repertorio clássico e de vanguarda.

Filme de vanguarda — ou pelo menos do que se convencionou denominar assim — *A Vendedeira de Fosforos* não choca nem irrita pela avançada pretensão do tema ou da realização. Não é um filme pedante. E' um belo filme, honesto, delicado, suave como o conto de Ano Bom em que se inspira, pobre de material mas rico de talento, que muito honra quem o fez, quem o exibe e quem o aprecia.

Todo o acompanhamento musical do filme, coordenado e dirigido por Julio Canhão, merece uma particulassima menção. Destaquemos, unicamente pela concordancia das notas musicais com as imagens cinematograficas: a quadrilha de lanceiros, que ilustra «a ideia que Karen faz dos militares»; a «Boite á musique», de Liadoff, *leit-motiv* insubstituivel do film Renoir, que surge nas scenas do realejo e na dos brinquedos automaticos; a «Cavalgada das Valquirias», de Wagner, que acompanha a tragica perseguição nas nuvens; e a «Morte de Ase», de Grieg, que envolve numa mistica tristeza a morte de Karen.

"Os dois timidos"

Foi-nos completamente impossivel assistir, como tencionavamos, á estreia do ultimo filme de René Clair, que o Odéon apresenta com a reexibição inteligente de *O Patriota*, de Ernest Lubitsch.

Extraido duma comedia de Labiche, interpretado por Maurice de Féraudy, Pierre Batcheff e Jin Gerald, este filme reune todas as condições para ser um digno sucesso de *Um chapeu de palha de Italia*.

Tambem não nos foi possivel vêr ainda *O Colegial*, de Buster Keaton, que se exibe com *O Barqueiro do Volga*, — que o Condes descobriu agora ser «um filme de 1929»...

UM FILME RUSSO

"Tempestade na Asia"

de Pudovkine

Se «Ivan, o terrivel», de Taritch, estreado ha ano e meio no Tivoli, apenas constituira uma revelação para meia duzia de iniciados — ou de maduros, como queiram; se «A Aldeia do Pecado», de Preovrajenskaia, dividiu a critica e o publico em dois campos opostos, «Tempestade na Asia», de Pudovkine, o terceiro filme russo apresentado em Portugal conquistou a totalidade dos verdadeiros cinefilos, unificando a critica num mesmo côro de entusisticos elogios, derrotando os ultimos incrédulos, que viam na propaganda dos filmes sovieticos mais um *coup de réclame* sem justificação, não deixando duvidas a ninguem de consciencia equilibrada sôbre o seu mérito.

Deviamos antes dizer: sôbre os seus méritos. Porque é rico de méritos diversos, o filme de Pudovkine. Valor puramente cinegrafico, valor de interesse, valor de interpretação, valor comercial (porque não falar nele?), valor de tese, de desenvolvimento e de doutrina.

Não é facil tarefa pintar num filme, como num fresco imenso e animado, a epopeia duma raça heroica e oprimida.

Pudovkine conseguiu delinear na tela, pela montagem energica, impecavel, de imagens realmente belas, ora serenas, ora exaltadas, mas sempre grandiosas, compostas segundo um estilo proprio, que suporta todos os confrontos, a curva ascendente duma personagem central, que se revela gradualmente, que se metamorfoseia, que se eleva, que se multiplica, que se generaliza: Timur.

Timur, no começo do filme, não passa dum indigena mongol, ingenuo e sem interesse. Surge na tela misturado com os outros, discretamente, para exemplificar um caçador. Mas ao lado da cabana onde vivem os seus ergue-se, anunciando o seu destino, uma bandeira branca. O pai está muito mal. Vai morrer. Timur passará a ser o chefe da familia, o responsavel pelo pão da mãe e dos irmãos. E' ele quem irá á feira anual, vender as peles.

Antes de morrer, o pai dá-lhe uma raposa prateada, recomendando-lhe que a venda bem. Timur já não é apenas um comerciante: é o proprietario duma raridade, duma pele de preço. Parte, para a feira distante, aonde a venderá. Mas um comerciante sem escrupulos rouba-a. Ele protesta. Já é alguma coisa mais que o proprietario duma pele de raposa prateada: é o homem que tem razão e se defende.

Para se defender, precisa de atacar. Panico na feira! Um indigena ousára levantar a mão contra um homem branco, todo poderoso! Acorrem os soldados que ocupam a Mongolia, a esse tempo. Timur é perseguido. Já é alguma coisa mais que um homem que tem razão.

A conselho dos seus, vai refugiar-se na montanha, reunir-se aos que procuram libertar a sua patria daquele jugo estrangeiro. O perseguido transforma-se no revoltado. O acaso proporciona-lhe ocasião de salvar o seu chefe. Timur ascende, ascende, ascende sempre.

O revoltado é já um revolucionario consciente, organizado, paladino da independencia da sua terra natal. Ha nele o fôgo sagrado dos conspiradores de 1640. Mas é feito prisioneiro. E é condenado. E é ferido. As balas que lhe crivam no corpo são os galões da promoção.

Um documento que lhe encontram sôbre o peito prova, no dizer do sábio missionario, que Timur é o descendente do grande Djenguis Khan, heroi da Horda, que conquistara quasi toda a Asia, como A'tila invadira quasi toda a Europa, á frente dos seus hunos. O general compreende o partido que pode tirar de semelhante achado. Timur já não é o réprobo, o condenado á morte: é o instrumento dum largo plano politico, autómato facilmente manejavel que assegura, sem mais atritos, a sujeição duma nação inteira. Timur vai ser proclamado Imperador do grande Imperio Mongol!

Mas os feitiços podem virar-se contra os feiticeiros. E o sangue de Timur, que lhe escalda as artérias, em ansias patrioticas e nobres, sangue generoso, derramado em defesa duma causa que só quem não tivesse Patria não saberia respeitar, afluindo em borbotões ao seu imenso coração, dita-lhe acções que os que o rodeiam não compreendem.

No fundo, ele tem mêdo ainda, é certo. Mas a sua alma é um paiol de polvora. Basta uma chispa para o fazer explodir.

A raposa prateada é o rastilho. O comerciante que o roubára vem oferecê-la á sua vista a uma rapariga loira e esbelta. O seu corpo reteza-se. E' já um tigre que prepara o salto. A protecção dos seus inimigos fazem-no compreender, perder o mêdo. Timur ousa ser forte e orgulhoso. Só falta uma faisca. Ela vem, personificada por um outro mongol, seu irmão, indefeso e perseguido. E o tigre salta.

Timur já não é um homem: é um simbolo. Já não é um individuo: é uma raça. E' todo um povo. E' o povo mongol — o povo, enfim. Através dele, como por milagre, surgem cavaleiros armados, que galopam, galopam sem cessar, guiados pela sua espada, que é um hino á liberdade patria, á emancipação.

E o tropel vitorioso dos cavalos, e o pulsar simultaneo de milhares de corações, desencadeiam a tempestade na Asia.

* * *

«Tempestade na Asia» é tambem mais alguma coisa do que a historia de Timur. O seu valor documentario é inapreciavel. Pela primeira vez se conseguiu mostrar ao mundo, graças a Pudovkine e ao cinema, a misteriosa vida dos lamas tibetanos, com o seu curioso ritual, as suas imponentes cerimonias religiosas, as suas danças sagradas, de ritmos inéditos e vertiginosos. Só isso concederia vinte valores a «Tempestade na Asia».

Depois — Inkijinoff. Extraordinario actor! A sua personalidade identifica-se de tal forma com a de Timur, que o semanario francês «Pour vous», teve, quando Inkijinoff chegou a Paris, a frase de espirito que define bem essa identificação: «Tempête sur Paris!... Voici Inkijinoff».

* * *

Além dum maravilhoso espectaculo cinematografico, o espectaculo do São Luis é um verdadeiro concêrto de eleição. René Bohet encontrou para «Tempestade na Asia» a mais sobêrba adaptação musical que nos é dado conceber. O sincronismo, que se diria mecanico, entre as «Dansas persas» da «Lakmé» de Leo Delibes e as danças sagradas, a sajada que anima a «ouverture da «Gwendoline», de Charbrier, e que parece comunicada pelo *crescendo* assombroso do final do filme, mereceram as ovações da primeira noite — e os nossos parabens. — A. R.

Antes de ir ao "CENTRAL"

NEM TODA A GENTE SABE QUE

PANAME NÃO E' PARIS

NEM QUE

A VENDEDEIRA DE FOSFOROS

é um admirável filme de Jean Renoir extraído dum admiravel conto de Andersen

"Amor de Slava"

Um filme que nos trouxe nada menos de três novas desilusões — desilusões aliás previstas, desde ha muito, nas considerações amenas com que costumamos armar as nossas criticas, para poupar o leitor á ordinaria trasladação do argumento *in-extenso* do filme.

Primeira desilusão: Pola Negri já deu o que tinha a dar.

Já vão longe *Madame Dubarry, Sumurum* e...

A scena dos prisioneiros (que justificava o titulo original, *Barbed Wire*), em *O Poder da Paz* foi o seu «canto de cisne».

Segunda desilusão: a influencia, que ultimamente tem parecido benéfica, da transplantação para Hollywood dos realizadores europeus continua a parecer-nos prejudicial para as suas qualidades. Ludwig Berger era daqueles em que depositavamos mais esperanças. Desde *O Sonho de Valsa*, essa maravilha de leveza e de espiritualidade, que o seu estilo se revelara firme, poderoso, intenso, mas sempre, sempre amavel. *Os mestres cantores de Nuremberg*, cinedrama wagnerismo, composto em tintas seguras, digno do libreto e da musica de Wagner; *O Coração Ardente*, que ainda não foi apresentado em Portugal, e que é cantico de amor a um amor perfeito; todos esses prodigios de delicadeza e segurança, não podiam deixar prever que, lá na America, fôsse Ludwig Berger o infeliz enscenador da já chupada tragédia do Victorien Sardou, crismada com um titulo não menos infeliz, que se presta a trocadilhos impiedosos.

Terceira e ultima desilusão, que não passa afinal duma confirmação: Os argumentos teatrais não fôram fadados para originarem bons filmes. As excepções, ou se afastam prudentemente do original — ou confirmam a regra. O conflito entre o amor e a vingança, tratado pelo falecido dramaturgo francês, possuindo incontestaveis qualidades cinegraficas — ambiente russo, propicio, personagens fotogenicas, scenas violentas, contrastes duros, tonalidades matizadas, — já varias vezes tem tentado bons animadores, e nunca rendeu nada de geito no cinema.

"Paname não é Paris"

Um filme franco-alemão, dirigido por um russo: Malikoff.

Les Innocentes, de Carco, standardisados, internacionalisados, com as arestas limadas e um *happy-end* fantasista.

Da satira implacavel do mais bairrista dos *Montparnos*, a que não falta a mancha purulenta e trágica dum *fait-divers* repugnante, ficou apenas uma censura discreta ás missões reformadoras de costumes. Winnie não é uma lésbica: é uma *ninu bien*, um tanto excentrica. Milord não é um *gigolo:* é quasi um *fils-á-papa*. Lia Eibenschutz e Jacques Catelain. Mademoiselle Savonette, Nénesse, Mes Fesses (crismado, já se vê!), L'E'dredon e os outros, guardaram mais intactos, no filme, os caracteres do romance. Ruth Weyher, Charles Vanel, etc.

Como a fotografia e o condicionamento técnico possuem as qualidades habituais das produções da Ufa, *Paname não é Paris* é um espectaculo ao alcance das familias respeitaveis, que nem sonham que existe o livro de Carco, e do agrado dos cinefilos nas mesmas condições.

"Uma Excentrica"

A velha historia de Robinson Crusoe, naufrago reduzido numa ilha aos seus proprios recursos, lá por ter celebrizado Daniel de Foe, não é obrigada a fazer o mesmo a todos aqueles que a aproveitem para base das suas obras.

Half a bride, filme de Gregory La Cava, transporta a historia de Robinson para os nossos dias, subtraiu o caixote providencial que fornece ao aventureiro setecentista as armas e as ferramentas mais precisas e, para compensar o seu heroi desse transtorno, substituiu o negro Sexta-Feira por uma branca galante e tentadora. Mas ao nosso naufrago não se aproveitou lá muito bem dessa enorme vantagem. Consequencias talvez da falta de ferramenta...

Como cinecomedia, *Uma Excentrica* não merece nem mais nem menos rigor que qualquer outra. Lindas imagens pseudo-tropicais, a sobriedade de Gará Cooper, a elegancia habilidosa de Esther Ralston, — e eis tudo.

RETARDADOR

Chá das cinco

Perus

Felizmente para nós ha sempre um telegrama de Nova--York para comentar. Este de hoje é duma actualidade flagrante e refere-se a uma jovem chamada Margarida Mason que, com mimo e entusiasmo, criara bom bando de perus. Estando os perus gordos e em boa idade, mandou o dono que fôssem para o mercado — porque os perus tinham um dono que não era a a doce Margarida.

Margarida, para quem aqueles perus eram tudo na vida, não pôde suportar a ideia da separação, e com pretextos varios tratou de demorar a sua venda.

Insistiu o feroz proprietario — feroz!? — e Margarida apelou ao estratagema convincente de lhe garantir que parte dos perus tinham engordar antes da venda.

Mas a proximidade da data em que nasceu Jesus e morrem os perus, determinou o «ultimatum» do proprietario oportunista: Não se podia perder a ocasião e, gordos ou magros iriam para o mercado no dia seguinte.

Foi então que Margarida adoptou a resolução fatal de se fechar com os seus perus e, lançando fogo á capoeira, morreu com eles, assando-se com eles, antes que os homens os assassem sem ela.

A ideia é comovedora e eu estava tentado da piedade dum comentario lirico se não fôra o perigo de sugestionar as nossas Margaridas que vão á fonte e trazem á cidade os perus que criaram. Seria encarecer a mercadoria, além de que, nesta altura, está bem que os perus se assem, mas no nosso fôrno — se alguem no-lo mandar — e sem Margarida nem margarina.

ROGERIO PEREZ

York bar

DRINCK DRINCK DRINCK
DRINCK DRINCK DRINCK
DRINCK DRINCK DRINCK
DRINCK DRINCK DRINCK
DRINCK DRINCK DRINCK
DRINCK DRINCK DRINCK
DRINCK DRINCK DRINCK
DRINCK DRINCK DRINCK

RUA SERPA PINTO (AO CHIADO)

O NATAL DOS NOSSOS POBRES

Aproximando-se o dia de Natal, apelamos mais uma vez para a generosidade dos nossos leitores, a fim de que contribuam com qualquer donativo para minorar a sorte dos pobres protegidos pelo «Diario de Lisboa», aos quais será distribuido um bôdo, como nos anos anteriores.

Registamos hoje mais os seguintes donativos, com os nossos melhores agradecimentos ás pessoas que bondosamente têm contribuido para a nossa subscrição:

Transporte	1.150$00
Carolina Silva	50$00
Francisco Matoso	50$00
M.me Carlos Ferreira de Araujo	100$00
A viuva e os filhos de João Maria da Costa, por sua alma	300$00
Sociedade Portuguesa de Acessorios, L.da	381$10
M. F.	50$00
A transportar	2.081$10

Do conhecido propagandista Eliezer Kaminetzky,, recebemos 50 exemplares do seu interessante folheto «Reflexos da minha alma», para serem distribuidos pelos nossos pobres.

Agradecemos a oferta.

Azeite novo, só de azeitonas, fabricado em lagares «Acapulco», de A Lobo da Costa, Av. Republica, 37-D. Tel. 2883 N.

JOALHARIA
MIRANDA
Exposição de «verreries d'art» de
LALIQUE

GINASIO
HOJE—A's 9 1/2
Companhia LUCILIA - ERICO
1.ª representação da comedia
AS MANAS DO CHAPEU VERDE

AS HOMENAGENS DO POVO E DO E

A urna aos ombros dos combatentes

Para um soldado, a morte não é nunca uma quantidade despresivel.

A morte é *sempre e só* um adversario como tantos outros, que surgem pela vida fora e com os quais é habito esgrimir e lutar!

Para os inermes a morte é um terror incomensuravel!

Para os timidos, um obstaculo insuperavel!

Para os temperamentos resignados, uma fatalidade inevitavel!

Para os impulsivos e exaltados, a morte nunca passou de um espantalho que os irrita e simultaneamente os amedronta!

Pelos dois primeiros, ou seja pelos inermes e timidos, a morte deve ter um desprêso profundo, enorme e muito justo!

Para os resignados a morte deve tambem ter um gesto de tédio e de aborrecimento.

Portanto, nenhum destes temperamentos é adversario digno da sua grandesa.

Porque a morte é sempre grande pelo *imprevisto*, pelo desconhecimento do *além* e porque é o *inevitavel*.

E para os exaltados e impulsivos?

A morte tambem terá por eles o tédio?... o desprêso?... o aborrecimento?

Nada disso!

A esses temperamentos a morte acha-os talvez ridiculos e quixotescos.

Mas, dirá o leitor, poupa-os muitas vezes antes de lhes lançar as garras dominadoras.

Decerto... Para se divertir... Para os disfrutar... Talvez para se rir um pouco, digamos assim.

Como dève então encarar a morte qualquer valente soldado?

Como em toda a sua vida a encarou sempre o Valente e Bravo Marechal Gomes da Costa.

De cara levantada, atento sempre aos seus golpes, na consciencia plena do perigo que ela nos oferece, defrontando-a sem *hesitações*, mas tambem sem o arreganho que possa tocar ao de leve, sequer, o dominio do ridiculo façanhudo.

A morte deve ser sempre encarada como um adversario que pode ser tudo, e que, por vezes, não é nada.

A bravura pessoal, quando é como a que o Marechal possuia, é quasi uma arte, sempre revestida de elegancia, de estética e de brilho natural.

Os rasgos de bravura do Marechal, em combate e na guerra, causavam sempre nos que o cercavam e acompanhavam uma impressão especial que é dificil de definir.

Cada um desses rasgos era um episodio, que nunca mais esquecia e que se ouvia contar sem terror nem repulsa, mas antes com um sorriso de admiração.

As *paradas* com que o Marechal se defendia das que a morte lhe atirava quando com ele esgrimia eram sempre acompanhadas de atitudes e de expressões, que por si só tiravam á morte aquele aspecto pavoroso e lugubre com que ela costuma apresentar-se.

Para o Marechal, o perigo era um «sport» tentador, em que a morte era apenas um *combate de encontro* que o Marechal *aceitava sempre*, com placidez notavel, ar alegre e despreocupado, sem basófias teatrais, mas com grande cunho de desafio leal e franco.

O Marechal sabia desafiar a morte.

Não a tinha como uma quantidade despresivel — isso seria o ridiculo ou a inconsciencia do perigo.

Aceitava-a sempre como um adversario bem digno do seu Valor em combate e da sua Grande Alma de soldado em campanha e na guerra.

— *Já morri?* — disse ele pouco antes de morrer.

Não vendo já claro numa luta que para ele foi a ultima, procurava ainda um golpe para repelir o seu mais familiar adversario, aquele com o qual se defrontou horas e dias inteiros, por vezes meses seguidos, na sua longa, brilhante e gloriosa carreira de Soldado!

Mas não vá imaginar o leitor que o Marechal preguntava se já tinha morrido com aquele ar aterrado dos que esperam do adversario alguma clemencia.

O Marechal, ao preguntar se já tinha morrido, encarava bem de frente o seu adversario para «parar» o que ele julgava ser a ultima cutilada que a morte lhe atirava!

O MAR
Gomes
repousa ent
da Gran

E... realmente o ultimo golpe d adversario não se fez esperar.

A morte tinha vencido o Marecha mas só o dominou quando o viu ave lhentado e doente.

Em combate, nunca ela o tinha po dido dominar, nem pelos seus golpe certeiros nem pelo terror.

O Marechal arredou-a sempre d si, seguindo no seu caminho de Va lente Português e de Soldado de Raç

Morreu!... Tão cedo, Portugal nã terá outro igual ou parecido!

Ao Marechal Gomes da Costa, um mestre do Valor em combate e d Bravura em campanha, a um amig de ha 24 anos, dedica estas banai mas sentidas linhas um seu discipul da Africa e da Campanha da Franç

Adeus, meu Marechal!

Até qualquer dia!

FERREIRA DO AMARAL
Coronel

No quartel de metralhadoras

O funeral do valoroso cabo d guerra que foi o marechal Gomes d Costa, figura de soldado que deix atrás de si uma evocação de bravur dificilmente superavel, revestiu-s de uma imponencia a todos os titulo grande, comovedora, até, no seu si gnificado de camaradagem e de no breza militar.

Simbolo de bravura e, como ta idolo do povo que sabe respeitar po instinto os privilegiados do mando Gomes da Costa teve a acompanha seus restos mortais a homenagem sincera, sentida com verdade, de toda a população lisboeta, e, nas suas re

O cortejo inicia a sua mar

ERCITO AO COMANDANTE DO C. E. P.

ECHAL
la Costa
e os mortos
e Guerra

presentações, de todo o povo de Portugal.

Os combatentes da Grande Guerra, a legião de valentes que sob suas ordens se bateu em França, ou, ao mesmo tempo que ele jogava a vida na Flandres, combatia com heroismo igual nas plagas africanas, deram uma nota interessante, uma nota simpatica no derradeiro preito prestado ao marechal. Compareceram todos, e a sua parada, insignias de valor que não mente sôbre corpos que ao serviço da Patria se mutilaram, teve grandeza, teve emoção autentica.

A seu lado formaram, com os respectivos estandartes, como os nossos, os combatentes estrangeiros, irmãos de armas dos portugueses no formidavel sacrificio da guerra.

E o povo encheu as ruas todas do percurso, encheu de lés a lés os caminhos para se associar tambem á funebre manifestação, na qual se juntaram, pessoalmente ou por delegação, todos os valores de Portugal.

* * *

A camara ardente no quartel de Metralhadoras, ao lado da Penitenciaria, esteve até á hora do saimento repleta de gente, por ali passando, a par do povo que tanto admirava o grande militar, quantas individualidades nacionais ou estrangeiras representam entre nós uma situação de relêvo.

Nomes ao acaso: Embaixador de Inglaterra, ministro da França, adidos militares espanhol, italiano e brasileiro; generais Amilcar Mota, Sinel de Cordes, Alves Camacho, Lemos, Cruz, Vieira da Rocha e Roberto Baptista; coroneis Raul Esteves e Vitorino Godinho; tenente-coronel Pina Lopes, governadores civis, camaras municipais, etc., tantos que se tornaria quasi impossivel enumerá-los.

A' saida do Quartel de Metralhadoras

Compareceram todos os membros do Govêrno, que fizeram o ultimo turno junto do cadaver, logo após os ajudantes do marechal, srs. tenente Moura, capitães Azinhais Mendes e Vilar, e Moreira Lopes.

Antes, respectivamente, ás 9 e ás 10,30, haviam rezado missa o rev. Avelino de Figueiredo e o sr. bispo de Beja, capelães que foram do C. E. P., assistindo, além de muitas outras pessoas, a familia do extinto que o velara desde a primeira hora. O director das Cadeias sr. major Franco, trazia consigo, em liberdade, um preso. Era um combatente que vinha representar os que, por azares da vida, depois da guerra foram parar á cadeia.

Os capelães militares, carregados de condecorações, vieram tambem, com o prelado de Beja á frente. Figura entre eles o rev. Joaquim Aguiar, o que prestou assistencia religiosa ao unico português que foi fuzilado em França, aquele «chauffeur» cuja vida foi preciso sacrificar em holocausto á disciplina ferrea da guerra.

O sr. ministro da França e o sr. embaixador de Inglaterra depuzeram sôbre o feretro, o primeiro, uma corôa e o segundo, um ramo de flôres.

A's 13,30, feitas as encomendações pelo sr. bispo de Beja, que era acolitado pelos rev. dr. Anaquim, Melo Lopes, Avelino de Figueiredo e Anjos, foi a urna retirada para um armão de artelharia, aos ombros dos tenentes Caires, Romão e Braga, capitão Armando Mesquitela, Manuel Dias Monteiro, marinheiro, e Hermenegildo Vargas, todos combatentes da Grande Guerra.

E organizou-se o funeral sob a direcção do sr. Barreto da Cruz, que tinha a coadjuvá-lo os srs. tenente-coronel Esmeraldo Carvalhais e major Raul Rato.

A guarda de honra na parada do quartel era feita por uma força de alunos das escolas Naval e Militar com os respectivos estandartes.

A Junta Central do Integralismo Lusitano fez-se representar pelo sr. dr. Hipolito Raposo.

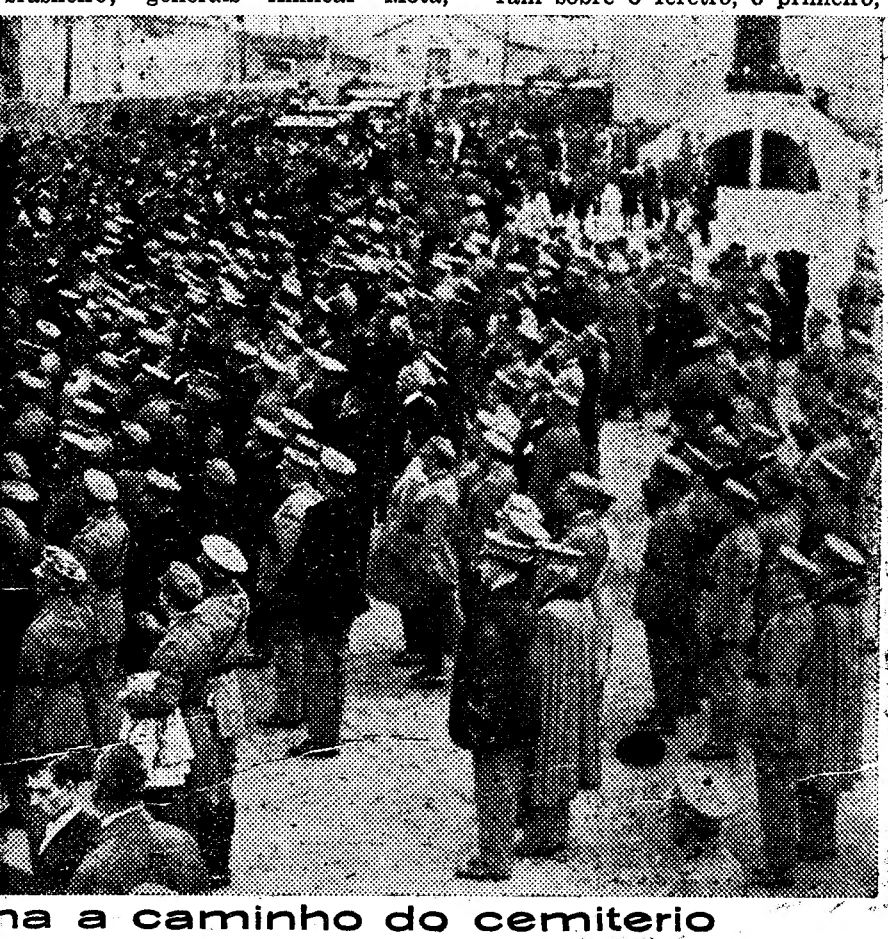
O sr. Cunha Leal representava o Banco de Angola.

A orgânisação do funeral

Abria o cortejo um pelotão da G. N. R. em grande uniforme, seguindo-se: terno de clarins de antigos combatentes executando uma marcha de guerra, delegações de antigos combatentes, belgas, franceses, ingleses e italianos, conduzindo corôas e ramos de flôres, escoteiros da Liga das Combatentes, milhares de ex-combatentes á frente dos quais seguiam alguns capelães da Flandres, destacando-se entre eles, o reverendo Lopes que ostentava o colar da Torre e Espada, duas cruzes de guerra e muitas outras condecorações. Seguiam-se delegações da Liga em varias localidades dos arredores de Lisboa, mutilados da guerra, viuvas e orfãos, academia largamente representada, formando os estudantes, com as suas capas, longos cordões negros, associações comerciais e industriais, general Chagas Parreira acompanhado por algumas centenas de oficiais do Exercito; almirante Francisco Eduardo dos Santos, seguido por alguns oficiais da Armada; adido militar brasileiro, deputação de oficiais do Instituto dos Pupilos do Exercito, comissão dos Padrões da Grande Guerra, direcção da «Revista Militar», sargentos do Exercito, alunos do Colegio Militar e dos Pupilos do Exercito, Corpos de Bombeiros Municipais e Voluntarios, com estardartes, dois pelotões do regimento de cavalaria 7, automoveis conduzindo os srs. governador do Patriarcado, generais, Vieira da Rocha, Cesar Pina, Boaventura Ferraz, Amilcar Mota, Teixeira Botelho, Ivens Ferraz, Roberto Baptista, Sanches de Castro, Viriato da Fonseca, Teixeira de Aguiar, Baptista Cruz, José Vicente de Freitas, Sampaio, Reis e Silva, Alves Camacho e José Pedro de Lemos; almirantes Pedro de Azevedo Coutinho, Ivens Ferraz, D. Bernardo Mesquitela e Jaime Afreixo; brigadeiros Malheiro, Carrilho e Valadas; comandante Mendes Cabeçadas, dr. Antonio Claro, coronel Farinha Beirão, comandante da G. N. R.; vereadores das Camaras Municipais de Lisboa e Setubal, provedor da Misericordia e alguns prelados.

Seguiam depois: automoveis conduzindo o

(Vêr continuação na 8.ª página)



na a caminho do cemiterio

Pelos teatros

Teatro Nacional

Na proxima segunda-feira reabre as suas portas o Teatro Nacional. O seu funcionamento foi permitido pelo chefe do Govêrno e ministro do Interior, conforme o contracto de adjudicação. Os concessionarios, os ilustres artistas Amelia Rey Colaço e Robles, têm empregado todos os esforços para que o publico encontre no nosso primeiro teatro um ambiente confortavel e de arte.

A inauguração realiza-se com a lindissima peça «Peraltas e Secias» de Marcelino Mesquita, que pertence ao reportorio de fundo daquela casa de espectaculos.

Segunda-feira, 23, é, pois, dia de festa para o teatro português, não só por se inaugurar a epoca no nosso primeiro palco, como por se fazer «reprise» duma das mais belas obras da dramaturgia nacional. «Peraltas e Secias» vai ser posta em scena com todo o esmero e propriedade, como é de habito naquele agrupamento dramatico, onde o espirito culto e artistico de Amelia Rey Colaço dirige e orienta.

Na segunda-feira, 30, efectua-se, com a mesma peça, a primeira recita popular.

«As manas do chapeu verde»

Efectua-se hoje no Teatro do Gimnasio pela Companhia Lucilia-Erico, a 1.ª representação da comedia «As manas do chapeu verde» que a sr.ª D. Fernanda de Castro traduziu para português.

A distribuição da peça é a seguinte:

«Arlette», Adelina Campos; «Maria», Lucilia Simões; «Tecilde», Amelia Pereira: «Rosalia», Palmira Torres; «Joana», Laura Fernandes; «Ernestina», Maria Carlos; «Ulisses Jacinto», Joaquim Almada; «Diogo», José Gamboa; «O Prior», Erico Braga; «Senhor de Fleuville», Samwell Diniz; «Agostinho», Francisco Sampaio.

"Mamã"

Continua obtendo o maior exito, no Politeama, a esplendida e aplaudidissima comedia «Mamã», que ali se manterá em scena até o final das festas desta quadra, a pedido de varias familias que ali pretendem passar as noites do Natal e fim do ano. «Mamã», notavel criação da ilustre artista Palmira Bastos, está em pleno triunfo, conquistando enchentes todas as noites.

Airás do reposteiro

Por absoluta falta de espaço, não podemos publicar hoje a critica da comedia «Maré de Sorte», ontem estreada com grande exito no Teatro Apolo, marcando um notavel triunfo para Aura Abranches e um sucesso grandioso. Publicá-la-hemos amanhã.

— Na revista «Feira da Luz», que no dia 27 sobe á scena no Trindade, o quadro de abertura, pintado por Augusto Pina, intitula-se «Amena estancia»; o primeiro, do 2.º acto, de Baltazar Rodrigues, «Alegria de Viver» e o quadro de rua, «Ao ar livre», de Luz & Almeida.

— Fez ontem anos o actor Alfredo Ruas, que se encontra no Sá da Bandeira, do Porto, na Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo.

— Encontra-se em Lisboa desde ontem o escritor teatral e critico do *Jornal do Comercio*, do Rio de Janeiro, «João Luso», que dentro de dias segue para a terra da sua naturalidade, Louzã.

— Com grande exito estreou-se ontem no Sá da Bandeira, do Porto, pela Companhia Ester Leão-Alexandre de Azevedo, a comedia «Amo uma actriz» (Chegar a tempo), tradução do nosso camarada Nobre Martins, da autoria de Ladislau Fodor, o mesmo autor da peça ontem estreada no Apolo.

— A revista do Avenida «O Tremoço Saloio», marca amanhã o seu 3.º sabado, continuando em scena com grande exito.

— O Coliseu dos Recreios inclui no programa da Grande Companhia de Circo, na proxima segunda-feira, em espectaculo da moda, a grande atracção americana «Os Cubanos», audaciosos artistas que executam um trabalho aereo de completa novidade em Portugal.

S. Luiz
Tempestade na Asia

CONDES
Buster Keatou (Pamplinas) em
O COLEGIAL
WILLIAM BOYD em
O BARQUEIRO DO VOLGA

TIVOLI
AMOR DE SLAVA
Drama da "Paramont„ com POLA NEGRI

VINHO DO PORTO

"FERREIRINHA"

Em caixas de 12 garrafas
Em caixas de 6 garrafas

Em cestos, pintados e envernizados com 3 garrafas:

PEDIDOS A
A. LEITÃO
Rossio, 93, 2.º

A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS

TEATRO APOLO
Hoje ás 9 horas e meia
Companhia' ADELINA-AURA ABRANCHES
2.ª representação da lindissima comedia em 3 actos, de LADISLAU FODOR
Maré de Sorte
Interpretada pelos artistas **Aura Abranches** e **Rafael Marques**

TEATRO DA TRINDADE
Companhia Hortense Luz Tel. T. 976
Hoje—A's 20,30 e 22,30
CHA DE PARREIRA
Em pleno exito o quadro novo
Maquinas Falantes

TEATRO POLITEAMA
Tel. T. 5028 Hoje-A's 9,30
A lindissima e triunfante comedia
MAMÃ
Criação notavel de
PALMIRA BASTOS

Aviso ao comercio

Para efeitos de cessão de quotas, pede-se a todos os credores da Fabrica de Sabonetes e Perfumes "A ORIENTAL LDA., com séde na Rua Pereira e Sousa, F. S., para apresentarem os seus creditos de qualquer natureza, inclusivé letras, até ao proximo dia 30.

Findo este praso declaramos que declinamos toda e qualquer responsabilidade sobre qualquer credito não manifestado.

Lisboa, 19 de Dezembro de 1929.

Pela Fabrica de Sabonetes e Perfumes A Oriental, Lda.
Antonio Santos Vaquinhas
Patricio Pinto Correia

Tribunal do Comercio de Lisboa

2.ª vara

Neste tribunal, cartorio do escrivão Lisboa, existem uns autos de acção de despejo em que são autores os drs. Mario Godinho de Campos, Americo Pinto da Rocha e José d'Abreu e é ré a firma Alberto Silva, L.da, acção por meio da qual os autores pretendem que a ré seja condenada a despejar os dois quartos ou gabinetes que é arrendataria no segundo andar, lado direito, do predio n.º 202 da rua do Ouro, e bem assim condenada ao pagamento das rendas vencidas e em divida desde Novembro de 1928 e as vincendas até ao despejo. E nos mesmos autos correm editos de 15 dias a contar da ultima publicação legal, citando a firma Alberto Silva, L.da, que teve a sua ultima sede naquele mesmo andar, e cujos representantes se ausentaram para parte incerta, para os termos da mencionada acção, e designadamente para impugnarem, querendo, no prazo legal. A impugnação deve ser apresentada no Tribunal do Comercio de Lsboa, sito na rua de S. Pedro de Alcantara, 75, no cartorio do escrivão Lisboa. Lisboa, 14 de dezembro de 1929.

As melhores polainas, marca Duque F. Inglesa, fabrico especial, 25, 27 e 30$00 e desconto para revender. Sapataria Duque, Rua do Ouro, 294.

Quebraduras

A QUEBRADURA é uma traiçoeira doença que talvez não vos incomode grandemente por agora; mas as suas consequencias amargurarão a vossa velhice, e o seu terrivel perigo de

Estrangulação

que não se evita com qualquer funda e pode causar-vos a Morte em poucas horas.

As pessoas cançadas de comprar fundas que acrescentam as suas impaciencias ás doenças da quebradura, as senhoras e as creanças, emfim todas as vitimas de quebraduras devem adoptar prontamente os novos aparelhos de Mr. Bléty, o grande orthopedico francez de fama universal.

Milhares de pacientes, tratados anteriormente, dão fé de que estes aparelhos garantem em todos os casos:

A perfeita e absoluta contenção.

A diminuição progressiva e rapida.

A desaparição definitiva das quebraduras por mais antigas, rebeldes e volumosas que sejam.

Desaparecimento imediato do perigo de estrangulação e de todos os sofrimentos inherentes ás quebraduras abandonadas.

Suaves e comodos não incomodam nunca, ainda que o quebrado se dedique a trabalhos do campo ou outros trabalhos pesados.

Correspondendo á confiança com que o honraram numerosissimas pessoas durante viagens anteriores, Mr. Bléty repete sua visita a Portugal.

Acudi com a mais absoluta confiança a este especialista.

Não deixeis de visita-lo, porque com a demora periga a vossa saude.

E tende bem presente que o imenso credito que gosa a Casa Bléty é a firme garantia de todo o quebrado.

Excepcionalmente e para atender á nossa numerosa clientela receberei em Lisboa no dia 21 e 22 de Dezembro, R. Alexandre Herculano, 27, onde Homens, Senhoras e Creanças, devem apresentar-se sem hesitar.

Horas da consulta: das 9 ás 13 e das 14 ás 16 horas.

CARTAZ

TEATROS

Trindade—A's 20,30 e 22,30—«Chá de Parreira».
Gimnasio—A's 21,30—«As manas do chapeu verde».
Politeama—A's 21,30—«Mamã».
Apolo—As21,30—Maré de sorte».
Avenida—A's 20,30 e 22,30—«O tremoço saloio».
Variedades—A's 20,30 e 22,30—«Sol de Portugal».
Coliseu dos Recreios—A's 21—Grande companhia de circo.

ANIMATOGRAFOS

São Luiz Cine—A's 21.
Olimpia—Das 14,30 as 0,30.
Cinema Condes—A's 21.
Tivoli—A's 21.
Central Cinema—A's 21.
Salão Ideal—A s 20,30.
Max Cine, Rua Barão de Sabrosa (ao Alto do Pina).—A's 20,30.
Cine Belgica, R. da Beneficencia, 175 (ao Rego).—Sabados, domingos e quartas.
Campolide Cinema—Aos domingos, segundas, quintas e sabados.

Dancing's

Maxim's—Baile e Variedades.

TEATRO AVENIDA
Todas as noites Duas Sessões
A's 8 1/2 e 10 1/2
A gloriosa, triunfante e monumental revista
O Tremôço Saloio
Brilhantemente apresentada por
Luiza Satanela e Estevão Amarante

Luís Carlos dos Reis
FALECEU

Acacia Reis e sua familia participam o falecimento do seu chorado marido e que o seu funeral terá logar amanhã, 21, pelas 15 horas, da sua residencia, Rua Alves Correia, 171, 2.º, Esq., para o cemiterio do Alto de S. João.

Trata a antiga Agencia Almeida—R. S. José, 189. Telf. N. 4996.

GARAGE AGUIA D'OURO
Avenida Cinco de Outubro, 125
Telefone N. 5632
Aberta toda a noite Estação de serviço
Gasolina, oleos e pneus. Completo sortido de acessorios e peças sobresalentes
Secções de: mecanica, casquilheiro, electricidade e pintura

ESTRANGEIRO

OBESIDADE
Tratamento absolutamente inofensivo pela Iodorganine
Pedir folhetos gratis aos depositarios
RAUL VIEIRA, LTD. — Rua da Prata, 51, 3.º
LISBOA

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo

A declaração Balfour

LONDRES, 20

Lord Balfour, Lloyd George e o general Smuts que foram membros do gabinete da Guerra, responsaveis pela «declaração Balfour» feita ha doze anos e pela politica da criação de uma nacionalidade para o povo judaico dirigiram uma carta conjunta ao «Times» pedindo ao govêrno a nomeação urgente de uma comissão competente para investigar todos os assuntos referentes ao mandato na Palestina. Os signatarios da carta dizem que a comissão que se encontra presentemente na Palestina tem um limitado numero de elementos de referencia que lhes permitem entrar em assuntos especiais e acrescentam que quando foi nomeada esta comissão se disse que seria auxiliada por outras pessoas de reconhecida competencia na investigação dos assuntos mais importantes da politica e da administração.—(H.)

Na Camara dos Comuns

LONDRES, 20

A mais critica divisão do presente parlamento teve lugar na sessão efectuada na noite passada, na Camara dos Comuns, quando se realisou a votação, em segunda leitura, da proposta governamental sôbre a industria mineira, que foi aprovada por 281 votos contra 273.

Havia algumas duvidas quanto á atitude dos liberais sôbre o projecto até ao decisivo discurso pronunciado por Lloyd George, logo no inicio do debate desta noite.

O Primeiro Ministro encerrou o debate respondendo ás preguntas dirigidas ao governo por Lloyd George mas quando foi efectuada a votação só cinco liberais permaneceram neutrais, dois votaram com o governo e os restantes 45 do partido passaram para o bloco da oposição.—(H.)

A Camara dos Comuns rejeitou por 281 votos contra 273 a emenda dos conservadores relativa á lei das minas de carvão.—(H.)

FIGURAS INTERNACIONAIS

BALDWIN

e a influencia da literatura na sua vida publica

Stanley Baldwin, o ex-primeiro ministro da Grã-Bretanha, tem um gôsto muito pronunciado, e sobretudo muito apurado, em materia de literatura. E', talvez, entre todos os parlamentares, o que mais tem lido e ninguem contesta o seu maravilhoso prestigio, como o uso frequente que faz dos escritores favoritos — os classicos gregos e latinos.

Os homens que dirigem as industrias ou governam, geralmente não têm tempo para ler a literatura contemporanea, mas Baldwin encontra, todavia, esse tempo e afirma que a sua vasta cultura lhe tem permitido melhor servir o pais e revelado um intimo conhecimento dos homens e dos negocios.

A sua erudição dos classicos vem sendo acentuadamente util na vida publica, dá-lhe o sentido das proporções, nivel dos valores e o respeito á verdade contida nas expressões, o que muito contribui para o seu conceito de politico. —«O sentido da proporção auxilia-me a distinguir os elementos pessoais e individuais, separados ou não, que constituem a Camara dos Comuns. Os sentidos valores que eu possa possuir, permitem-me apreciar os discursos e os escritos, sem ter o desprazer de inclinar-me diante dos idolos das praças publicas.»

Raros politicos dos nossos dias, poderiam asseverar que leram Horacio, Virgilio, Homero, pelo prazer das suas belezas. Baldwin acredita que os estadistas modernos teriam muito que aprender na literatura grega, «não pelo sentido historico e sim pelo sentido espiritual». A civilização e a cultura do mundo acham-se estreitamente ligadas á existencia da Europa Ocidental. — «E' oportuno relembrar — diz Stanley Baldwin — que os europeus ocidentais viram grandes periodos historicos; somos os membros de um imenso imperio e partilhamos em comum, em diferentes graus, as linguas, as leis e as tradições. E na guerra que irrompe entre as nações saidas do civismo de uma mesma mãe, parece-me fratricida.» Baldwin é, por instinto, um bom juiz de livros. A leitura do primeiro capitulo basta-lhe, geralmente, para definir uma obra. Ele decide assim da maior parte dos romances modernos; um romance que é lido até o fim, é porque lhe pareceu bom desde as primeiras paginas. O ex-primeiro ministro britanico não fala de literatura, sem satisfazer imediatamente o seu desejo inato e instintivo de verdade e de realismo. Admira pouco que o seu autor favorito seja Shakespeare, que ele considera como «o maior homem que se tem visto, tendo um profundo conhecimento do mundo e dos homens. Shakespeare é desses raros poetas em que o genio foi directamente insuflado do ceu.»

Em assunto de poesia o ex-primeiro ministro idolatra alguns outros autores. As obras de Keats e de Byron figuram naturalmente na sua biblioteca. O ultimo, sobretudo, agrada-lhe infinitamente. Numa conferencia que fez sôbre Byron, diz que a descoberta de inumeraveis belezas do Mediterraneo é devida unicamente ao poeta de «Childe Harold», e comenta: «O Mediterraneo agora conhecido por todos na Inglaterra, não era na época de Byron senão um mar ignorado. Byron abriu os olhos das pessoas.» Caracteristicamente, Baldwin ajunta: «O aspecto de Byron que mais me impressiona, é de um grande obreiro dessa alta profissão literaria. Ele trabalhava como um artista deve trabalhar, ou quando quere imprimir a sua personalidade sôbre as gerações futuras. Essa parte da sua vida que ele guarda para si, com o que na sua pessoa havia de melhor e ele o sabia como a maior parte dos artistas — é o valor da sua obra.» As obras de W. A. Hudson, o escritor naturalista, tambem agradam a Baldwin — grande admirador da Natureza.

Desse autor, Baldwin diz: «Hudson veio dos confins do mundo e descobriu-se aos olhos das pessoas que não sabiam vêr, e fez entender aos que tendo ouvidos não sabiam ouvir — as belezas do seu proprio pais. Foi ele quem nos tornou familiares as mil belezas ocultas dos nossos condados meridionais. Ensinou aos londrinos nomes de coisas belas e pictoricas que me enchem de profunda gratidão; fez compreender que os nomes das flôres, das cidades, das estrêlas e dos passaros, foram formados em seculos de trevas e de obscurantismo, antes que o nosso povo fôsse instruido e educado, dispondo de uma boa literatura e de uma imprensa popular. Baldwin conhece perfeitamente a bela prosa de todas as nações e na sua opinião o cardeal Newman foi um dos mestres mais ilustres da prosa inglesa. A forma e o som dos termos intrigam-no; faziam uma deliciosa musica aos seus ouvidos. Goethe na Alemanha e Dumas na França, são os autores do Continente que ele prefere, pela sua prosa e pela expressão das coisas na musica das palavras. E' uma surpreza para muitas pessoas que, no seu gôsto pela literatura e leituras, Baldwin revelou-se um estudante descuidoso. Ele explica: «Muita gente procurava instruir-me, mas a minha educação nem sempre foi feliz. Uma boa parte da minha educação realizou-se depois que comecei a trabalhar em negocios. Eu lia quasi tudo á noite. E' o genero de instrução que produz mais efeito.

O QUE VAI LA' POR FORA

Poeira do Mundo

O Papa saiu do Vaticano

ROMA, 20

O Papa saiu ás 6,45 do Vaticano indo oficiar a S. João de Latrão a fim de comemorar o 50.º aniversario da sua ordenação sacerdotal.

Este acontecimento historico produziu-se rodeado do maior segredo e consagra o reatamento das relações entre a Italia e Santa Sé.

O Papa chegou ás 7 da manhã, em automovel, a S. João de Latrão onde celebrou missa e recebeu as homenagens do capitulo, tendo tomado posse da igreja, da qual lhe foram entregues as chaves. Depois do Te Deum regerssou incognito ao Vaticano, onde chegou ás 9,20. Só então é que a noticia se espalhou pela Cidade, causando profunda emoção. O govêrno só de noite teve conhecimento do facto que ia produzir-se.—(H.)

A hora da Aviação

LONDRES, 19

Dados estatisticos ultimamente publicados sôbre o custo das explorações aereas dizem Linha Natal-Buenos Ayres, 4.650 Km., 13 aerodromos, 9 terrenos de socorro, 150 farois, 490 farolins, 70.000.000 Francos. Berlim-Hamburgo, 255 Km. 220.000 Marcos ouro. Linha New York-S. Francisco, 4.300 Km. 17 aeroportos, 92 terrenos de socorro, 185 farois, 127 farolins, 17 estações de T. S. F., 3.345.000 dollars, conservação 1.018.000 dollars por ano.

BERLIM, 20

O avião «Arado 7», da carreira Sevilha-Berlim, caiu, tendo morrido os seus dois tripulantes.

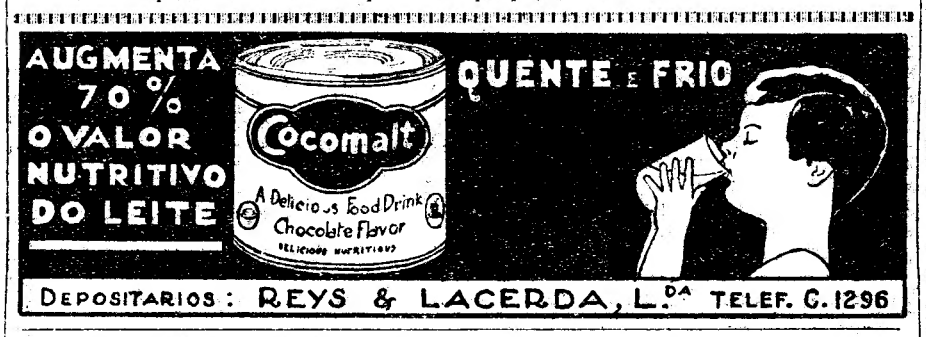
A politica francesa

PARIS, 20

Os jornais das varias tendencias politicas notam que quasi toda a Camara dos Deputados aplaudiu o sr. Paul Boncour, quando este pediu ao Govêrno para recordar na conferencia naval de Londres que o desarmamento é inseparavel do protocolo e da segurança, tal como em Genebra se procura estabelecê-los.—(H.)

MARCA REGISTADA
Zéed Morgado Reserva.
Garrafeira Particular
A quinta essencia das vinhas do Alto Douro que MORGADO & SILVA apresenta

Associação de Socorros Mutuos Silva Graça
Travessa dos Fieis de Deus, 102
Assembléa geral
Convoco a assembléa geral desta associação a reunir no dia 26 do corrente, pelas 20 horas, para eleição dos corpos gerentes que hão-de funcionar, durante o ano de 1930.
Caso não reuna numero legal, fica a mesma transferida para o dia 3 de Janeiro de 1930.
Lisboa, 19 de Dezembro 1929.
O Presidente,
Silverio Faria



SEIS MIL CONTOS
é o primeiro premio da lotaria do
NATAL
que está á venda nas felizes casas
Costa, Limitada
(antigo Cambista Pina)
Bilhetes, meios, quartos, decimos: vigesimos e meios octogesimos, a preços correntes no mercado.
SEMPRE SORTES GRANDES
Dirigir pedidos a:
COSTA, LIMITADA
Séde: Rua S. Paulo, 75 e 77
Filial: Rua da Prata, 60 a 62
Telefone T. 3486 LISBOA

NATAL
6.000 contos
Estão á venda no
Gama
Rua do Amparo, 51 — LISBOA
aos melhores preços
Grande palpite!

CLINICA DENTARIA DA MADALENA
R. da Madalena, 112, 2.º — Tel. C.-3873
Consultas, das 9 ás 20 horas. Das 9 ás 13, extracções, sem dôr, 10$00, obturações, 30$00; dentes artificiais; 15$00.

Presentes do Natal
Se V. Ex.ª pretende oferecer a uma senhora um lindo presente visite A POMPADOUR onde encontrará verdadeira Arte, Elegancia, Bom gôsto nos artigos seguntes:
Malas de cabedal para senhora.
Xales de seda bordados.
Lenços de seda para pescoço.
Camisas e combinações de seda.
Lindissimas flores artificiais.
Meias de seda finissimas.
Colares e pulseiras de fantasia.
Perfumes estrangeiros.
Escrinios e guarda-joias.
Magnificos Leques de Plumas, etc.
A Pompadour
28 -- CHIADO -- 30

Dr. Arbués Moreira
Director do Hospital-Sanatorio da Ajuda
Clinica geral e Doenças dos pulmões
Consulta ás 2.as, 4.as e 6.as ás 17 h.
Avenida da Liberdade, 85

ODEON
«O Patriota»
com Ennil Janning's
"OS DOIS TIMIDOS"
filme de René Clair

ULTIMAS NOTICIAS

Dr. Cesar de Melo
Doenças de nutrição-gimnastica medica. Tratamento pela luz e calor (Raios ultra-violetas, infra-vermelhos, etc.) Frio (neve carbonica) Oxigenio
Praça dos Restauradores, 65, 2.º
Tel. T. 3973

UMA FESTA INFANTIL

O "Pai Natal" dá brinquedos aos pobrezinhos no Gymnasio

O Natal está por cinco dias.

A festa do *Diario de Lisboa*, no Teatro do Gimnasio, o "Sapatinho dos Pobres", com um espectaculo brilhantissimo, com a sua deslumbrante Arvore do Natal, com sua concorrencia selecta em parte da sala destinada, com a alegria dos petizes enchendo camarotes de 2.ª ordem e outros logares, com a distribuição dos brinquedos feita por gentis senhoras a convite do **Pai Natal**—está tambem á vista.

O espectaculo

Lucilia Simões, insigne artista, Erico Braga, ilustre actor e emprezario—"gentleman„ que se compraz na organisação destes espectaculos de bem fazer dos quais não colhe senão a compensação da sua consciencia—, a notavel bailarina classica Vilma Abramovice, que se apresenta em Lisboa num gesto de amabilidade extrema para a comissão organisadora, e todos os distintos e sempre prestantes elementos da Companhia de declamação do Teatro do Gimnasio — vão oferecer aos petizes pobres, com a farta distribuição de brinquedos, um espectaculo agradabilissimo, alegre, popular, mas tambem com um requintado cunho artistico.

O "Sapatinho dos Pobres"

é uma iniciativa, de exclusivo caracter beneficente, cuja realização se fica devendo em grande parte a Erico Braga, ao comercio de Lisboa, nosso amigo, que, apesar de assoberbado de pedidos de presentes para as casas de assistencia, não se esquece do "Sapatinho dos Pobres", e fambem ao nosso pessoal de Administração, que, como sempre, sabe encaminhar estas iniciativas num sentido de exito da ideia.

São mais de 600 os sapatinhos que, entregues por crianças pobres, vão alinhar no Teatro do Gimnasio, á espera que chegue pela *chaminé* do palco, o esperado **Pai Natal,** que traz noticias bôas do Menino Jesus.

E aqui está uma maneira simpatica e simples de todos termos direito, por um pequeno bem que fazemos, ás delicias do Natal no nosso proprio lar.

Mais ofertas recebidas

Para o "Sapatinho dos Pobres" recebemos da considerada **Sapataria Orion,** da Rua Garrett, dos srs. Linares, Alves, Limitada, um par de sapatos.

Tambem dos **Armazens do Chiado,** Nunes dos Santos & C.ª, recebemos um pacote com varios brinquedos, com a seguinte carta:

"*Sr. Director*—Destinado á vossa Festa dos Petizes, que se realiza na tarde do dia de Natal, tomamos a liberdade de enviar um pacote com brinquedos. Desejamos assim cooperar em tão altruista e simpatica festa do Natal dos pobresinhos".

English Stores & Bar
Amanhã mais uma fornada do nosso delicioso
BOLO REI
Prove V. Ex.ª esta nossa especialidade
Este estabelecimento fecha ás 0 horas
Rua Bernardino Costa, 42 e 44
(Vulgo R. Corpo Santo)
Telef. T. 1391 Escolhida Freguesia
Depositarios da Padaria Inglesa — B. OOMFIELD'S

UMA FIGURA DA GUERRA

Sete mil combatentes incorporaram-se no funeral de Gomes da Costa

(Continuação da pagina central)

chefe do Govêrno, todos os ministros, o comandante sr. Pedroso de Lima que representava o sr. Presidente da Republica; viuva e filho do marechal e outras pessoas de familia do ilustre extinto.

Precediam o armão que conduzia a urna, um automovel e dois carros funerarios com corôas,, o cavalo-praça coberto de crepes e uma berlinda conduzindo o bispo de Beja.

A urna, sôbre a qual fôra deposta uma corôa oferecida pelos antigos ajudantes do marechal, era ladeada por alunos do Colegio Militar, cavalgando a pouca distancia o coronel sr. D. Luís da Cunha Menezes, comandante de cavalaria 7.

Seguiam o armão, oficiais transportando o chapeu armado, espada, condecorações e bastão do falecido militar.

Fechavam o cortejo, o grosso do regimento de cavalaria 7, uma longa fila de automoveis e povo.

Durante o desfile, evolucionaram a pouca altura seis aviões «Vickers», do aerodromo da Amadora, sendo lançadas flôres de bordo de um deles.

Havia muitos milhares de pessoas nas janelas e nas ruas por onde passou o corpo, em que se via uma larga mancha de civis: 7.000 combatentes que marchavam silenciosamente, a acompanhar o seu chefe á ultima morada.

Todo o comercio das ruas por onde o cortejo passou estava fechado e em muitas janelas havia panos pretos.

Aguardando a chegada

No cemiterio, desde as 14 horas, aguardavam o funeral numerosas individualidades civis e militares.

A's 15 horas, estavam no Alto de S. João, todo o corpo diplomatico, os adidos militares da Espanha, Inglaterra, Italia e França.

Os companheiros de Mousinho na campanha dos Namarrais, formavam um grupo á parte: Aires de Ornelas, João de Azevedo Coutinho, Andrade Velez, Diogo Azinhais, conde da Ponte, marquês de Lavradio, Leopoldo de Oliveira, monsenhor Gustavo Couto, coronel Galado, Duarte Augusto, Urbano Dias Furtado, Plantier Martins, Baptista Coelho, D. Pedro de Gusmão, Manuel Ferreira Castelo Branco, Joaquim Marreiros.

O pelotão que abria o cortejo chegou á porta do cemiterio ás 15 horas precisas, ouvindo-se um toque de continencia.

A familia do marechal passou entre alas de oficiais e civis que respeitosamente se descobriram.

Quatrocentos combatentes, representando os milhares que se estenderam ao longo da rua Morais Soares, penetraram no cemiterio, formados a quatro, e, marcando passo, foram aguardar o feretro em frente do local destinado aos combatentes.

Quando o Govêrno chegou, alinhou, com o representante do sr. Presidente da Republica, á porta do cemiterio,

A's 16 horas em ponto, o feretro chegava ao Alto de S. João.

Oficiais das Metralhadoras e outros dedicados colaboradores do marechal pegaram na urna, enquanto a bataria de Artelharia 3, postada em frente, dava uma salva de 19 tiros, e as tropas recolhiam a quarteis.

Os primeiros turnos

Os primeiros quatro turnos, no cemiterio, foram assim organizados:

1.º, representante do Chefe do Estado e Govêrno; 2.º e 3.º, corpo diplomatico; 4.º, Presidentes do Supremo Tribunal de Justiça e do Tribunal de Justiça Militar; Procurador Geral da Republica, governadores civis de Lisboa e Porto, presidentes das Camaras das duas cidades, Reitor da Universidade de Lisboa e Intendente Geral da Segurança Publica.

Fala o chefe do Govêrno

O chefe do Govêrno pronunciou as seguintes palavras:

Meus Senhores:—Venho aqui, em nome do Govêrno, como combatente da Grande Guerra, companheiro e amigo do marechal Gomes da Costa, prestar-lhe a sentida e derradeira homenagem de uma Patria agradecida.

Morreu um grande soldado, que pela sua acção forte e disciplinada se tornou digno do respeito e admiração do país inteiro. Foi ele o mais nobre exemplo de valor e prestigio militar dos ultimos tempos, o soldado que nada téme, para quem a sensação do perigo constituiu sempre um prazer apetecido, um brinquedo ambicionado. A energia, a calma e a tenacidade constituiam as mais fulgentes facetas do seu genio de soldado.

Ao estalar a grande conflagração mundial que nos levou ás terras de França, á Africa e sôbre o mar, Gomes da Costa foi dos primeiros a partir. Vimo-lo em Brest, satisfeito e confiante, encorajando os seus soldados entristecidos por um clima agreste em terra estranha, solucionando com seu prestigio e decisão os complexos problemas que após um desembarque tumultuario se lhe deparavam. Aí se revelou, desde logo, o homem de excepção e o militar de rija tempera que a sua acção futura não tardou em patentear.

Estou a vê-lo, mais tarde, com a sua aprumada estatura, grande, imponente, confiante no seu valor, emergindo da trincheira e expondo o seu peito ás balas, numa demonstração de coragem, quasi condenavel, para incutir confiança aos que o cercavam.

Sulcando as planicies lamacentas da Flandres, que uma atmosfera pardacenta e fria enregelava, ou percorrendo as trincheiras de primeira linha, esse fôsse interminável de morte e de pavôr, por entre uma chuva incessante de balas e metralha, Gomes da Costa, sempre sorridente, desafiando a morte, a cada passo dirigia aos seus bons «serranos» caricias e palavras de confôrto, incutindo-lhes o valor que de si emanava pelo seu exemplo de abnegação e bravura.

A sua disposição de espirito, que sabia manter nos transes mais dificeis, e de que deu frisante exemplo durante a doença que o vitimou, constituia uma das mais frisantes caracteristicas do grande militar, e a ela devia a faculdade de uma decisão pronta sem tibiezas, perante as resistencias que lhe tolhiam o passo.

As suas ordens eram como que vozes de comando que exigiam execução pronta e imediata e uma obediencia passiva, sem criticas nem murmurios.

Venerado por todos que o conheciam, sabia incutir a estima e o respeito em chefes e subordinados, sendo notorias as desusadas provas de deferencia que lhe dispensavam em França os camaradas britanicos com quem conviveu. Horn, Haking, Birdwood e tantos outros generais dos exercitos aliados tinham pelo Marechal Português uma profunda e justificada admiração.

Regressando da Guerra, coberto de prestigio, com as suas extraordinarias faculdades de comando enaltecidas pela acção preponderante que ali mantivera, Gomes da Costa não poude dominar o seu temperamento irrequieto. Surgiu então o movimento redemptor de 28 de Maio, como remédio heroico contra uma crise angustiosa que afligia a nação, ameaçando atrofiar a sua vitalidade, e Gomes da Costa, com o proposito sincero de pôr termo a tão grave padecimento social e politico, acudiu, de bom grado, ao chamamento de seus amigos. Ele foi, então o braço executor da vontade nacional, e o seu grito de revolta ecoou pelo País inteiro, graças ao poder forte da sua vontade e ao inegualavel prestigio da sua autoridade.

A sua passagem pelo poder foi, porém, efemera, porque nascido para ser soldado e tendo sempre vivido como soldado, não o atraiam as complicadas lucubrações da politica que ao sua alta função lhe exigia. Gomes da Costa foi sobretudo e acima de tudo um grande militar.

Nasceu como soldado e como soldado quiz morrer; são para a Patria querida, esse Portugal que sempre amou e defendeu com lealdade, as palavras que proferiu com o derradeiro sôpro da vida.

Ao valente soldado, ao insigne patriota e ao grande português, a Nação inteira, representada neste lugar pelo Governo, pelos seus companheiros de armas, amigos e admiradores, veio hoje aqui, nesta hora derradeira, prestar a sua mais sentida homenagem, curvando-se reverente perante os restos do maior soldado do nosso tempo.

DESORDEM TRAGICA

Duas mulheres e uma criança ficaram debaixo dum comboio

Esta manhã, o Cais do Rego foi teatro dum acontecimento tragico, que pôs em alvoroço o populoso Bairro da Belgica, constituido na sua maioria por gente humilde.

Um simples despique entre vendedeiras esteve a ponto de causar a morte de duas pobres mulheres e duma pequenita de 4 anos, que da contenda resultaram gravemente mutiladas.

Maria da Silva, rua da Beneficencia, 87, cave, é uma vendedeira de pão que contava numerosos fregueses no Bairro da Belgica, onde há pouco tempo apareceu a fazer-lhe concorrencia Maria da Encarnação, moradara na barraca 117 do mesmo bairro que se fazia acompanhar por uma filhinha de 4 anos de idade.

A primeira vendedeira não via com bons olhos a concorrencia que a segunda lhe fazia e todas as vezes que a encontrava travava-se de razões com a sua rival.

Hoje, pelas 11 horas, encontraram-se as duas na linha do caminho de ferro ao Rego, suscitando-se entre elas nova discussão que chegou a vias de facto. Para separar as contendoras, correu Maria Emilia Garcia, moradora no Bairro da Belgica, 247, que conseguiu pôr termo ao conflito.

Maria da Silva, porém, não desistiu dos seus propositos de vingança e agarrou a Encarnação por um braço, increpando-a novamente por andar a vender pão sem a respectiva licença.

Nessa ocasião, passava um comboio de manobras carregado de bois com destino ao Mercado Geral de Gados. Como as três mulheres se tivessem envolvido novamente em desordem contam as pessoas que assistiram á scena, a Maria da Silva empurrou as outras duas para debaixo do comboio. A's saias da Encarnação ia agarrada a pequenita, que ficou com um pé esmagado. O maquinista travou rapidamente a maquina, mas já era tarde. As duas pobres mulheres tinham sido horrivelmente mutiladas pelo comboio. Uma delas, Maria Emilia Garcia, ficou com as pernas cortadas pelo joelho e um braço partido, tendo a outra, Maria da Encarnação, ficado tambem com as duas pernas cortadas.

O factor sr. José Coelho prendeu a causadora do desastre, entregando-a depois á Policia, embora ela teime em negar que tenha empurrado as pobres mulheres para debaixo do comboio.

As feridas foram imediatamente conduzidas ao Hospital de S. José, onde se encontram em estado gravissimo.

A TRAGEDIA do «Pensativo»

Para as familias sinistradas do naufragio do «Pensativo», recebemos hoje mais os seguintes donativos:

Transporte	6.382$10
E. S. L.	25$00
B. S. V. C.	50$00
M. F.	100$00
Victor Gonçalves	20$00
Ernestina de Araujo	10$00
Martins de Araujo	10$00
Produto duma subscrição promovida pelo sr. José de Sá entre parte do pessoal da Farmacia Central do Exercito	72$50
A transportar	6.669$30

IODINA-MEDOL
No anuncio sob este titulo, da casa Alfredo dos Santos Lda., ontem publicado, saiu «Rodina» em vez de «Iodina», pelo que fica feita a respectiva rectificação.

SPUD EXPERIMENTE ESTE CIGARRO "MENTHOLADO" SPUD

Visitem as principais relojoarias do pais. Examinem e não comprem sem confronta-lo com outras marcas.